

Labirinto de Oração

IARA MÜLLER

Você já brincou de se perder num labirinto? É uma experiência muito agitada, de correr riscos, de errar o caminho, de rotas sem saída, de tomar decisões sobre para que lado seguir, de se perder e voltar ao mesmo lugar várias vezes. É uma experiência de agitação, riso e correria, até talvez de estresse para algumas pessoas. Quando se chega ao centro, fica-se feliz por ter atingido o objetivo, mas, então, é necessário enfrentar o caminho de volta, que, outra vez, torna-se um enigma.

O labirinto de oração é uma experiência exatamente contrária a esta brincadeira. O labirinto de oração não nos deixa perdidos, pois seu caminho é unicursal, sempre nos leva ao seu centro e depois nos traz para fora, sem estresse e sem ter que tomar decisões. É uma ferramenta espiritual diferente, pois enquanto caminhamos tranquilos, oramos e fazemos contato com Deus. Não precisamos tomar decisões quanto a caminhos nem levamos sustos ou cansamos de procurar a saída.

Labirintos não são uma invenção humana, mas são inspirados em formas que a natureza já nos oferece. Há plantas que se desenvolvem e vão se desenvolvendo, quando ainda pequenas, em forma de labirinto. Há conchas do mar em forma de labirinto, assim como teias de aranha. Enfim, há muitas formas de labirinto na natureza para alguém que saiba observar atentamente!

O labirinto de oração é uma tradição cristã que remonta ao ano de 400 d.C., quando se tem o primeiro

registro histórico de um desses labirintos. Acredita-se que o uso do labirinto de oração tenha a ver com a prática das peregrinações, uma prática comum desse tempo. Todas as pessoas cristãs faziam o juramento de visitar Jerusalém, a Terra Santa, em algum momento de suas vidas. Longas peregrinações foram, por isso, realizadas. Na Idade Média, com as Cruzadas, viajar peregrinando para Jerusalém tornou-se algo perigoso e inseguro. As pessoas tiveram, então, que encontrar outra solução para cumprirem suas promessas de visitar a Terra Santa. Foram, assim, construídos labirintos de oração no chão das

conhecido hoje em dia é o da Catedral de Chartres, em Paris. Calcula-se que tenha sido construído durante os séculos 12 ou 13. Depois de muito tempo de uso, perdeu seu significado e foi coberto por outros pisos. Séculos depois, durante uma reforma da catedral, foi redescoberto.

Uma grande diferença entre o labirinto de brincar de se perder e o labirinto de oração é que o primeiro tem suas paredes altas, normalmente feitas de plantas vivas, para que uma pessoa não possa ver a outra. No labirinto de oração, a idéia é outra. As divisórias dele devem ser planas ou de plantas baixinhas, para que as pessoas possam, ao mesmo tempo, se ver, cruzar caminhos, ser comunidade e orar.

Hoje em dia, labirintos de oração são construídos em igrejas, escolas, universidades, hospitais, parques, prisões e em residências particulares. Existem até labirintos de oração desenhados em lonas enormes, que são portáteis e podem ser levadas para diferentes locais, como salões e parques.

O labirinto de oração é também um símbolo para o processo da vida. Enquanto se anda num labirinto de oração, às vezes se está perto do centro, outras vezes o caminho nos afasta desse centro, como na vida, às vezes estamos perto de Deus, outras vezes longe. Caminhando no labirinto de oração, redescobre-se uma tradição mística que foi esquecida e que está sendo retomada em instituições que buscam cuidar do ser humano de uma forma integral.

naves de determinadas catedrais da Europa, e as peregrinações eram feitas para estas catedrais, tendo como último momento a caminhada em oração nos labirintos, ali construídos. Para os cristãos e cristãs daquela época, o centro dos labirintos simbolizava Jerusalém. Caminhar no labirinto tornou-se, portanto, uma importante prática espiritual em substituição às peregrinações para Jerusalém.

O labirinto de oração mais



O ser humano necessita de sinais, de elementos visíveis e palpáveis que lhe revelem o envolver e agir gracioso de Deus na sua vida. Assim, a unção como um gesto litúrgico que envolve o toque, direcionado à pessoa, em sua individualidade, vai ao encontro dessa necessidade humana.⁴

Prática comunitária

A prática da unção na vida comunitária iniciou como resposta a um problema: a dicotomia entre o aspecto prático da administração dos presbíteros e o aspecto teológico-pastoral da vivência de fé de forma comprometida. Os presbíteros em sua grande maioria são instalados em celebrações que não enfatizam o servir a Deus mediante os seus dons. Ou seja, o presbítero não ocupa sua função simplesmente para administrar uma entidade religiosa, mas, sim, como forma de servir a Deus, através de seus dons. Com isso, a unção dos presbíteros e dos grupos que prestam serviço na comunidade (como, por exemplo, a Equipe Litúrgica, a OASE, a Juventude Evangélica) quer ligar os aspectos prático e teológico-pastoral, enfatizando que Deus continua chamando pessoas para servi-lo, assim como foi com os profetas, sacerdotes, reis, e assim como Jesus fez com seus discípulos.

Pessoas que servem a Deus mediante seus dons necessitam de amparo, de apoio, para não se sentirem sozinhas na caminhada. Também para perceberem que elas não estão exercendo a função em sua glória e para sua autopromoção, mas para cumprir a vontade de Deus, manifestada em plenitude em Jesus Cristo. A unção reforça, pois, a responsabilidade dos líderes e presbíteros no

exercício da sua função. Eles não estão apenas prestando um trabalho voluntário à comunidade, estão servindo a Deus com sua vida e seus dons.

A partir dessas considerações, o rito da unção com óleo foi sendo instituído em nossa paróquia, tanto na instalação de presbitérios, como de grupos de trabalhos, ou seja, a prática da unção como consagração para uma função, a partir do chamado de Deus.

Esta prática quer envolver a comunidade em uma vivência significativa da fé, de forma libertadora e, ao mesmo tempo, comprometida com o Evangelho. Em outras palavras, a unção quer ressignificar o tornar-se presbítero, sua função administrativa como parte do sacerdócio geral.

Algumas pessoas que assistem ao Rito de Unção de presbíteros e de grupos de trabalho expressam uma certa estranheza frente ao rito, mesmo quando este é devidamente explicado. Por outro lado, as pessoas que são unidas dizem que se sentem verdadeiramente abraçadas e amparadas por Deus, como se estivessem sentindo Deus tocar suas vidas, impulsionando-as a viver, a fé com compromisso: "Tive a sensação de que Deus estava ali dizendo: 'eu te absolvo' [...] É um grande incentivo para continuarmos nossa caminhada"⁵; "Senti a presença de Deus mais próxima, como se Deus tivesse me tocado... Um momento único de paz."⁶ "A unção é o caminho da esperança que nos motiva a viver o chamado que Deus nos faz no Batismo para servir. União e ação."⁷



Rito de unção aos presbíteros

Hino: O profeta (HPD 323)⁸

Saudação: Lucas 10.2

Oração: Amado e benigno Deus, em tuas gratiosas mãos está todo o poder, toda fonte da vida, mas mesmo assim nos chama para vivenciarmos o Batismo com compromisso, servindo no teu Reino, com os nossos dons, divulgando o Evangelho. Do mesmo modo, como tu chamaste profetas, reis, discípulos para te seguir e propagar a mensagem do teu Reino, tu chamas hoje nós, envolvendo-nos com tua graça para te servirmos. Inspira o serviço, a justiça, a humildade, o amor e a fé no compromisso que estamos assumindo. Que sejamos o teu corpo no mundo. Amém.

Voto: Mateus 5.14-16

Confissão de fé: Credo Apostólico

Bênção: Que o bondoso Deus, que te marcou no Batismo, amparou tua vida com seu Santo Espírito, guie os teus passos, tua vida e teu serviço em promoção do Evangelho.

Unção: Que Deus te proteja e te conduza.⁹

Bibliografia

BAUMGARTEN, Horst. **Símbolos:** um pequeno dicionário. Blumenau: Gráfica e Editora Otto Kuhr Ltda, 2001.

KÜMMEL, Werner Georg. **Síntese Teológica do Novo Testamento:** de acordo com as testemunhas principais: Jesus, Paulo, João. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1974.

WHITE, James F. **Introdução ao culto cristão.** São Leopoldo: Sinodal, 1997.

HOCH, Lothar Carlos. A função terapêutica dos ritos crepusculares. In: **Estudos Teológicos**, ano 38, nº 1, p.64, 67-69, 1998.

Olmiro Ribeiro Júnior é pastor da IECLB.

4. Lothar Carlos HOCH. A função terapêutica dos ritos crepusculares. **Estudos Teológicos**, ano 38, nº 1, p. 64, 67-69, 1998.

5. Gerson F. MACHADO e Marlise F. FELÍCIO. Membros do presbitério e da Equipe Litúrgica.

6. Eli ZWICK. Coordenadora da equipe litúrgica.

7. Asta WIETHOLTER. Coordenadora paroquial da OASE. Horst BAUMGARTEN. **Símbolos:** um pequeno Dicionário, p. 72.

8. Enquanto a comunidade entoar o hino, os presbíteros, ou grupo de trabalho, são convidados a vir diante do altar, voltados para comunidade.

9. Fazer o sinal da cruz na testa com óleo (óleo aromatizado para massagem).